

O LIVRO DA
FORMA

e do

VAZIO

RUTH OZEKI

Tradução

Heci Regina Candiani



MORROBRANCO
EDITORA

NO PRINCÍPIO

Um livro deve começar em algum lugar. Uma letra corajosa precisa ser a primeira voluntária, pousando na linha em um ato de fé a partir do qual uma palavra cria coragem e a acompanha, trazendo uma frase em seu rastro. Daí, um parágrafo se condensa e, sem demora, uma página; o livro está a caminho, descobrindo uma voz, fundando a própria existência.

Um livro deve começar em algum lugar, e este começa aqui.

UM MENINO

Shhh... Escute!

É meu Livro, e ele está falando com você. Consegue ouvir?

Tudo bem se não conseguir. Não é sua culpa. As coisas falam o tempo todo, mas, quando seus ouvidos não estão sintonizados, você tem de aprender a escutar.

Você pode começar usando os olhos, porque os olhos são simples. Olhe para todas as coisas à sua volta. O que você vê? Um livro, é óbvio, e é óbvio que o livro está falando com você; depois, tente algo mais desafiador. A cadeira em que você está. O lápis no seu bolso. O tênis no seu pé. Ainda não consegue ouvir? Então, fique de joelhos e encoste a cabeça no assento, ou tire o sapato e leve-o ao ouvido... Não, espere, se houver pessoas por perto, elas vão achar que você enlouqueceu, então tente com o lápis primeiro. Lápis carregam histórias em seu interior e não há risco, contanto que você não enfie a ponta no ouvido. Apenas o segure perto da cabeça e escute. Consegue ouvir o sussurro da madeira? O fantasma do pinho? O murmúrio da grafite?

Às vezes, é mais de uma voz. Às vezes, é um coro inteiro de vozes que sai de uma coisa só, ainda mais se for uma coisa feita por um monte de artífices diferentes, mas não tenha medo. Acho que depende do tipo de dia que as pessoas estavam vivendo lá no Cantão ou no Laos ou seja lá onde for, e se o dia foi bom na velha confecção clandestina, se elas estavam distraídas com algum pensamento alegre quando aquele ilhós específico desceu pela linha e passou pelos dedos: nesse caso, aquele pensamento

alegre vai grudar no furo. Às vezes, não é bem um pensamento, mas um sentimento. Um sentimento bem gostoso, como o amor, por exemplo. Radiante e amarelo. Mas quando um sentimento de tristeza ou raiva é amarrado ao seu sapato, aí você precisa ter cuidado, porque aquele sapato pode levar você a realizar uma doidice, como fazer seus pés marcharem direto para a frente de uma loja da Nike, por exemplo, onde você pode acabar estilhaçando a vitrine com um taco de beisebol feito com uma madeira enfurecida. Se isso acontecer, mesmo assim não é sua culpa. É só pedir desculpas à vitrine, dizer ao vidro que sente muito e, seja lá o que fizer, não tente se explicar. O policial que fará a prisão não dá a mínima para as terríveis condições da fábrica de tacos. Ele não dá a mínima para as motosserras ou para o freixo robusto que aquele taco foi no passado, então apenas fique de boca fechada. Tenha calma. Seja educado. Lembre-se de respirar.

É muito importante não se irritar, porque aí as vozes ficam em vantagem e dominam sua mente. Coisas são carentes. Ocupam espaço. Querem atenção e vão enlouquecer você, se deixar. Por isso, apenas se lembre: você é como um controlador de tráfego aéreo... Não, espere, você é como o maestro de uma grande banda de metais formada por toda a parafernália jazzística do planeta, e está flutuando no espaço, sobre esse grande amontoado de lixo que é o mundo, usa o cabelo engomado e penteado para trás, veste um paletó chique, e seu bastão se ergue no ar, cercado por todas as coisas ávidas, e por um breve e belo instante, as vozes de todas elas ficam em silêncio, esperando que você abaixe a batuta.

Música ou loucura. Só depende de você.

PARTE UM

CASA

Toda paixão faz fronteira com o caos, mas a paixão do colecionador faz fronteira com o caos das memórias.

— Walter Benjamin,

“Desempacotando minha biblioteca”

O LIVRO

1.

Começando com as vozes, então.

Quando será que ele as ouviu pela primeira vez? Quando ainda era pequeno? Benny sempre foi um menino pequeno e de desenvolvimento lento, como se suas células relutassem em se multiplicar e ocupar espaço no mundo. Ao que parece, ele praticamente parou de crescer ao completar doze anos, mesmo ano em que seu pai morreu e sua mãe começou a ganhar peso. A mudança era sutil, mas Benny parecia definhar à medida que Annabelle estufava, como se ela estivesse metabolizando a dor do filho pequeno junto à própria dor.

Sim. É exatamente o que parece.

Então, quem sabe as vozes também tenham começado nessa época, logo depois da morte de Kenny? Ele morreu em um acidente de carro... Não, foi de caminhão. Kenny Oh era um clarinetista de jazz, mas seu nome verdadeiro era Kenji, por isso vamos chamá-lo assim. Ele tocava principalmente swing, coisas para *big bands*, em casamentos, festas de bar mitzvah e clubes badalados no centro da cidade, onde os camaradas todos usavam barba, chapéus *porkpie*, camisas xadrez e blazers de tweed do Exército da Salvação. Ele estava tocando em uma apresentação e depois saiu para beber, usar drogas ou sabe-se lá o que fazia com os amigos músicos... Só uma cheiradinha, mas a ponto de que, no caminho para casa, ao tropeçar e cair na viela, não visse necessidade de se levantar de imediato. Ele não estava longe de casa, só a alguns metros do portão bambo que levava aos fundos do imóvel. Se tivesse conseguido rastejar um

pouco mais, teria ficado bem, mas não, ele apenas ficou deitado de costas em um feixe de luz fraco projetado pelo poste de iluminação sobre a caçamba do brechó beneficente da Gospel Mission. O frio arrastado do inverno havia começado a se dissipar e uma névoa de primavera pairava na viela. Ele ficou ali, olhando para a luz e para as minúsculas partículas de umidade que borbulhavam, cintilantes, no ar. Estava bêbado. Ou chapado. Ou as duas coisas. A luz era linda. Antes, no início da noite, tinha brigado com a esposa. Talvez estivesse se sentindo arrependido. Talvez, em pensamento, estivesse prometendo se tornar melhor. Quem sabe o que estava fazendo? Talvez tenha caído no sono. Tomara que sim. De qualquer forma, era ali que permanecia deitado coisa de uma hora depois, quando o caminhão de entregas passou trepidando pela viela.

Não foi culpa do motorista. A viela era cheia de desníveis e buracos. Estava repleta de sacos de lixo meio vazios, restos de comida, montes de roupas encharcadas e aparelhos quebrados que os vasculhadores de caçambas haviam largado para trás. Na luz difusa e cinzenta da garoa da madrugada, o motorista do caminhão não conseguiu distinguir entre os detritos e o corpo magro do músico, que já estava coberto de corvos. Os corvos eram amigos de Kenji. Só estavam tentando ajudá-lo a se manter aquecido e seco, mas todo mundo sabe que corvos adoram lixo. Surpreende que o motorista tenha confundido Kenji com um saco de lixo? O motorista odiava corvos. Corvos davam azar, por isso ele jogou o caminhão bem em cima deles. O caminhão transportava gaiolas com frangos vivos para o matadouro chinês no fim da viela. Ele pisou no acelerador e sentiu o impacto do corpo sob as rodas ao mesmo tempo que os corvos voaram diante do para-brisa, encobrindo sua visão e levando-o a perder a direção e colidir com a plataforma de carga da Eternal Happiness Printing Company Ltd. O caminhão tombou e as gaiolas com os frangos saíram voando.

O barulho das aves cocoricando despertou Benny, cujo quarto tinha uma janela com vista para a caçamba. Ele ficou deitado,

escutando, e logo em seguida a porta dos fundos bateu. Um grito alto e agudo ergueu-se da viela, desenrolando-se como corda, como tentáculo vivo, serpenteando janela adentro e fisingando-o, tirando-o da cama. Ele foi até a janela, abriu as cortinas e olhou para a rua lá embaixo. O céu estava clareando. Conseguiu ver o caminhão tombado de lado, as rodas girando, e o ar cheio de asas batendo e penas esvoaçantes, ainda que, tendo sido criados em gaiolas, aqueles frangos não conseguissem de fato voar. Nem sequer pareciam aves. Eram só criaturas brancas parecidas com os Pingos, de *Jornada nas Estrelas*, se enfiando nas sombras. O grito agudo se estendeu como um fio, atraindo os olhos de Benny para uma figura espectral, envolta em uma nuvem de branco diáfano, a fonte do som, a fonte do mundo dele: a mãe, Annabelle.

Ela estava lá, de camisola, sozinha no feixe de luz projetado pelo poste de iluminação. Havia movimento em torno dela, penas flutuando como neve, mas ela estava totalmente imóvel, como uma princesa congelada, pensou Benny. Ela olhava para baixo, para alguma coisa no chão, e ele soube de imediato que a coisa era seu pai. De onde estava, da janela no alto, ele não conseguiu ver o rosto do pai, mas reconheceu as pernas dele, que estavam dobradas e chacoalhavam, como quando Kenji dançava, só que agora ele estava deitado de lado.

A mãe deu um passo à frente.

— *Nããão!* — gritou, caindo de joelhos. O cabelo espesso e dourado sobre os ombros, refletindo a luz do poste e encobrendo a cabeça do marido. Ela se debruçou, sussurrando enquanto tentava levantá-lo. — *Não, Kenji, não, não, por favor, me desculpe, eu não quis dizer aquilo...*

Será que ele a ouvia? Se tivesse aberto os olhos bem naquele instante, teria visto o belo rosto da esposa pairando sobre ele como uma lua pálida. Talvez tenha visto. E teria visto os corvos, empoleirados nos telhados e nos fios de energia, balançando e observando. E talvez, olhando para a frente, por cima do ombro

da esposa, talvez também tenha visto o filho, que observava da janela distante. Vamos dizer que ele viu, porque em seguida suas pernas dançantes esmoreceram, pararam de chacoalhar e ficaram imóveis. Se naquele momento Annabelle era a lua de Kenji, Benny era para ele uma estrela distante, e ao vê-lo ali, uma cintilação viva no céu pálido do amanhecer, Kenji fez um esforço para mover o braço, levantar a mão, mexer os dedos.

Como se estivesse acenando para mim, Benny pensou depois. Como em um aceno de despedida.

* * *

Kenji morreu a caminho do hospital e o funeral foi realizado na semana seguinte. Competia a Annabelle realizar os preparativos, mas ela não era muito boa em planejar esse tipo de coisa. Kenji era o extrovertido e, como casal, eles nunca recebiam ou convidavam ninguém. Ela tinha poucos amigos, se é que tinha algum.

O diretor da funerária fez muitas perguntas sobre a família e as crenças religiosas de seu ente querido, às quais Annabelle teve dificuldade em responder. Kenji, que ela soubesse, não tinha família. Nascera em Hiroshima, e os pais morreram quando ele era jovem. A irmã, que ainda era criança na época, foi levada para morar com os tios, enquanto Kenji foi criado pelos avós em Quioto. Quase nunca falava sobre a infância, exceto para contar que os avós eram muito tradicionais e rígidos e que não se dava bem com eles, mas era óbvio que a essa altura eles também já estavam mortos. Supunha-se que a irmã ainda estivesse viva, mas ele havia perdido contato com ela. No início do casamento, quando Annabelle perguntou, ele apenas sorriu, acariciou o rosto da esposa e disse que ela era a única família de que precisava.

Quanto à fé, ela sabia que os avós de Kenji eram budistas, e uma vez ele lhe contou que, por um período na faculdade, morou em um mosteiro zen. Annabelle se lembrou de como ele rira. *É muito engraçado, não é? Eu, um monge!* E ela também rira, porque ele não

parecia nada monástico. Kenji dizia que não precisava de religião porque tinha o jazz. A única coisa religiosa que possuía eram contas de oração, que às vezes usava no pulso. Eram bonitas, mas ela nunca o vira usá-las para rezar. Devido às raízes budistas dele, parecia errado ter um sacerdote cristão conduzindo o funeral e, por isso, respondendo às perguntas do diretor, Annabelle disse que não, não havia nenhum parente, nenhuma fé e não haveria serviço religioso. O diretor pareceu desapontado.

— E do seu lado? — perguntou, solícito, e, como ela hesitou, o homem acrescentou: — Em momentos como esse, é bom ter a família...

Um lampejo de memória, fantasmagórico. Ela pensou no corpo definhado da mãe na cama do hospital. A sombra escura do padrasto assomando à porta. Ela balançou a cabeça.

— Não — respondeu com firmeza, interrompendo. — Eu disse nenhum parente.

Será que ele não percebia? Ela e Kenji estavam sozinhos no mundo, e foi isso que os uniu até Benny chegar.

O diretor da funerária olhou para o relógio e prosseguiu. Perguntou o que ela pensava sobre um velório. Mais uma vez, ela hesitou, e então ele explicou. Velar os restos mortais cuidadosamente recompostos de um ente querido poderia reduzir o trauma causado por ser testemunha de um acidente trágico. Aliviaria lembranças dolorosas e ajudaria os que ficaram a aceitar a realidade da morte física. O salão de velório era privado e decorado com bom gosto. A funerária teria a satisfação de fornecer refrescos aos convidados, uma farta seleção de chás, café com uma variedade de deliciosos cremes aromatizados e também alguns biscoitos, quem sabe?

Cremes?, pensou ela, tentando não sorrir. Sério mesmo? Queria se lembrar daquilo para contar a Kenji depois... Era bem o tipo de absurdo que o faria rir... Mas o diretor estava esperando, então Annabelle concordou prontamente que sim, os biscoitos seriam perfeitos. Ele fez uma anotação e depois indagou

sobre a vontade dela em relação à disposição final dos restos mortais de seu ente querido. Ela estava sentada na beirada do sofá muito estofado, ouvindo a si mesma dizer sim para a cremação e não para uma sepultura ou uma gaveta em uma cripta quando lhe veio um pensamento repentino: não poderia contar a Kenji sobre os deliciosos cremes aromatizados porque Kenji estava *morto*. Esse pensamento foi logo seguido por uma série de outros: o ente querido cujos restos mortais estavam sendo discutidos era *Kenji*, e esses restos mortais eram os restos mortais do *corpo de Kenji*, o mesmo corpo amado que ela conhecia tão bem e que, ao fechar os olhos, podia visualizar com tanta clareza, os músculos sólidos de seus ombros, a maciez da pele macia amarelo-amaronzada, o declive das costas nuas.

Annabelle pediu licença e perguntou se poderia ir ao lavabo. Certamente, disse o diretor, e lhe indicou o corredor atapetado. Ela fechou a porta atrás de si. Lá dentro, em cada uma das tomadas nas paredes, difusores aromáticos impregnavam o ar. Ela se ajoelhou na frente do vaso sanitário e vomitou na água esterilizada azul cintilante.

* * *

Agora o corpo de Kenji jazia em um caixão aberto em um cômodo da casa funerária parecido com um salão. Quando Benny e Annabelle chegaram para o velório, o diretor da funerária os conduziu até lá e depois se afastou com discrição para lhes dar um instante. Annabelle inspirou fundo. Agarrando o cotovelo do filho, ela começou a caminhar em direção ao caixão. Benny nunca tinha andado desse jeito, com a mãe segurando seu braço como se fosse ele quem estivesse no comando. Ele se sentiu como um corrimão ou uma balaustrada. Com firmeza, apoiou-a, guiando-a adiante, e depois ambos se colocaram lado a lado junto ao caixão.

Kenji era um homem pequeno e tornou-se ainda menor na morte. Estava vestido com o blazer de anarruga azul-clara que

Annabelle escolhera para ele, um que ele usava com jeans preto quando se apresentava em casamentos no verão, sem o chapéu *parkpie*. O clarinete repousava em seu peito. Annabelle exalou o ar, um suspiro longo, suave e entrecortado.

— Ele parece bem — sussurrou. — Como se estivesse só dormindo. E o caixão também é bonito. — Como Benny não respondeu, ela puxou de leve o braço dele. — Você não acha?

— Acho — concordou Benny. Ele observava o corpo deitado no caixão sofisticado. Os olhos estavam fechados, mas a expressão não parecia viva o bastante para quem está dormindo. Não parecia viva o bastante nem sequer para quem está morto. Não parecia algo que já tivesse vivido. Alguém havia usado maquiagem para cobrir os hematomas, mas seu pai jamais usaria maquiagem. Alguém havia escovado os cabelos pretos compridos e os arrumado soltos sobre o travesseiro de cetim. Kenji só usava o cabelo solto, escorrido daquele jeito, quando estava relaxado em casa. Em público, sempre o prendia em um rabo de cavalo grosso e preto. Todos esses detalhes provavam a Benny que a coisa no caixão não era seu pai.

— Você também vai cremar o clarinete dele?

Sentaram-se e esperaram em cadeiras dobráveis e duras colocadas na lateral. As pessoas começaram a chegar. A senhoria chinesa e anciã deles, sra. Wong. Dois colegas de trabalho de Annabelle. Os companheiros de banda de Kenji e seus amigos da cena jazzística. Os músicos ficaram parados na porta, pareciam querer ir embora, mas o diretor da funerária os encorajou a seguir em frente. Nervosos, todos caminharam até o caixão. Alguns deles demoraram-se e contemplaram. Outros conversaram com o cadáver ou faziam uma piada (*Sério, cara, um caminhão de frango?*), que Annabelle fingia não ouvir; e depois, ao avistarem a mesa de aperitivos, logo se dirigiram para lá, parando para dizer a ela algumas palavras desajeitadas e dar um abraço rápido e um tapinha na cabeça de Benny. Annabelle foi gentil. Aqueles eram os amigos de

seu marido. Benny tinha doze anos e odiou os tapinhas, mas odiou ainda mais os abraços. Alguns dos membros da banda o socaram no ombro. Ele não se incomodou com os socos.

Talvez tenha sido o clarinete no caixão que deu a alguém aquela ideia, mas conforme mais pessoas iam chegando, mais instrumentos começaram a aparecer, e foi então que alguns membros da banda se acomodaram em um canto do salão e começaram a tocar. Jazz melodioso, nada extravagante. Mais convidados chegaram. Quando uma garrafa de uísque apareceu na mesa de aperitivos, ao lado dos cremes, o diretor da funerária pareceu prestes a se opor, mas o trompetista o chamou de lado e conversou com ele, que cedeu, e a banda continuou tocando.

Kenji conhecia pessoas que entendiam de festa e, por isso, quando chegou a hora de transportar o corpo do amigo para o crematório, os músicos dispensaram o carro fúnebre e se encarregaram da tarefa. Annabelle os acompanhou. O caixão era pesado, mas Kenji pouco acrescentava ao peso, por isso eles foram capazes de erguer o caixão, se revezando para carregá-lo nos ombros, ao estilo de Nova Orleans, por vielas estreitas e ruas escuras, escorregadias por causa da chuva. Annabelle e Benny os acompanharam na caminhada. Alguém os levou para a frente da procissão, logo atrás do caixão, e entregou a Benny um guarda-chuva vermelho radiante, que ele ergueu bem acima da cabeça da mãe, cheio de orgulho, como se fosse uma bandeira ou um estandarte de bravura, até que seu braço enrijeceu e ele achou que se quebraria.

Era primavera, e a chuva derrubara as flores das ameixeiras; as pétalas, de um rosa-pálido, jaziam espalhadas na calçada úmida. No alto, gaivotas giravam e gritavam, galgando as correntes de ar o mais alto possível. Do ângulo em que estavam, o guarda-chuva vermelho lá embaixo devia parecer o olho rubro de uma cobra que serpenteava lentamente pela cidade encharcada. Os corvos ficaram mais abaixo, seguindo a procissão de perto, voando

de galho em galho por entre as árvores, empoleirando-se nos postes de luz e nos fios elétricos. A essa altura, a banda havia crescido até estar quase completa e, enquanto as pessoas enlutadas avançavam sob a chuva escorregadia, os músicos tocavam marchas fúnebres e embriagavam-se com garrafas envoltas em sacos marrons, que passavam de mão em mão, enquanto prostitutas e viciados rodopiavam como folhas soltas levadas pelo vento atrás da procissão.

Não havia espaço suficiente para todo mundo dentro do crematório, porém a chuva havia parado, então os músicos ficaram do lado de fora, na rua, e continuaram a tocar. Annabelle e Benny seguiram o caixão até a entrada, mas, quando a porta se abriu, Benny se deteve. Ele tinha ouvido falar sobre o forno. Ainda que aquela coisa dentro da caixa não fosse seu pai, ele não queria vê-la lançada ao fogo e queimada como lenha ou assada como um pedaço de carne, por isso insistiu em ficar do lado de fora com o trompetista, que falou que não tinha problema. Annabelle pareceu confusa, depois tomou uma decisão. Ela segurou o rosto aveludado e redondo do filho entre as mãos espalmadas, beijou-o depressa e, em seguida, virou-se para o trompetista.

— Não tire os olhos dele — advertiu, e sumiu lá para dentro.

A banda passou das marchas fúnebres para um repertório de Benny Goodman. Goodman era o favorito de Kenji. Eles tocaram “Body and Soul” e “Life Goes to a Party”. Tocaram “I’m a Ding Dong Daddy”, “China Boy” e “The Man I Love”, e o tempo todo o coração de Benny batia desenfreado ao pensar nas chamas do forno. Quando chegou a hora do solo de clarinete em “Sometimes I’m Happy”, os metais ficaram em silêncio, deixando o baterista marcar o tempo baixinho com sua baqueta, mantendo vazio o intervalo que deveria ser ocupado pelo clarinete. Era a música-tema de Kenji, e quase se podia ouvir seu improviso fantasmagórico erguendo-se em meio à névoa. Talvez Benny *tenha* ouvido. Ele estava escutando com atenção e, no minuto em que o intervalo

acabou e as trompas voltaram, escapuliu. Ele era esguio como o pai, um menino magro e pequeno se esgueirando entre os músicos, que estavam chapados demais para reparar. Tinha visto para onde a mãe fora. Quando a porta pesada se fechou às suas costas, ainda conseguia ouvir a música do lado de fora, mas agora estava tentando escutar outra coisa.

Benny...?

A voz vinha de algum lugar bem no fundo do prédio e ele a seguiu. Enquanto caminhava por um corredor escuro, o barulho do sistema de ventilação ficou mais alto. Ele chegou a uma sala de espera, mobiliada com sofá e poltronas baixas estofadas. Um vaso de lírios brancos de plástico ocupava uma mesinha ao lado de uma caixa de lenços de papel. Uma ampla janela panorâmica dava para a câmara de cremação e, embora Benny não soubesse o nome, sabia o que acontecia lá dentro, do outro lado do vidro. Ele pôde ver a mãe. Ela estava segurando o clarinete do pai, que parecia estranho e despropositado em suas mãos porque ela não sabia tocar. Ao lado dela estava o caixão sofisticado. Vazio. Onde estava o corpo? A mãe estava sozinha, exceto por uma funcionária. Elas estavam paradas, uma de cada lado de uma caixa de papelão comprida e fina, tão genérica que Benny mal a notou, até que ouviu a voz mais uma vez.

Benny...?

Pai?

Era a voz de seu pai. Benny quase não conseguia distingui-la com o ruído da ventilação, mas sabia que vinha da caixa de papelão. Ficou na ponta dos pés, tentou olhar lá dentro.

Ah, Benny...

O pai soava tão triste, como se quisesse dizer alguma coisa, mas fosse tarde demais, e era, de fato; naquele exato momento, Annabelle inclinou a cabeça e virou-se de costas; a funcionária deu um passo à frente e colocou a tampa na caixa.

Benny pressionou a palma das mãos contra a janela.